

NUNCA É TARDE PARA RECOMEÇAR

*Mais de 100 milhões de livros vendidos*

NICHOLAS  
SPARKS

DIÁRIO DE  
UMA PAIXÃO





## O ARQUEIRO

GERALDO JORDÃO PEREIRA (1938-2008) começou sua carreira aos 17 anos, quando foi trabalhar com seu pai, o célebre editor José Olympio, publicando obras marcantes como *O menino do dedo verde*, de Maurice Druon, e *Minha vida*, de Charles Chaplin.

Em 1976, fundou a Editora Salamandra com o propósito de formar uma nova geração de leitores e acabou criando um dos catálogos infantis mais premiados do Brasil. Em 1992, fugindo de sua linha editorial, lançou *Muitas vidas, muitos mestres*, de Brian Weiss, livro que deu origem à Editora Sextante.

Fã de histórias de suspense, Geraldo descobriu *O Código Da Vinci* antes mesmo de ele ser lançado nos Estados Unidos. A aposta em ficção, que não era o foco da Sextante, foi certa: o título se transformou em um dos maiores fenômenos editoriais de todos os tempos.

Mas não foi só aos livros que se dedicou. Com seu desejo de ajudar o próximo, Geraldo desenvolveu diversos projetos sociais que se tornaram sua grande paixão.

Com a missão de publicar histórias empolgantes, tornar os livros cada vez mais acessíveis e despertar o amor pela leitura, a Editora Arqueiro é uma homenagem a esta figura extraordinária, capaz de enxergar mais além, mirar nas coisas verdadeiramente importantes e não perder o idealismo e a esperança diante dos desafios e contratempos da vida.

*Este livro é dedicado com amor a Cathy,  
minha esposa e amiga.*

# Milagres



Quem sou eu? E como, eu me pergunto, esta história vai terminar?

O sol nasceu e estou sentado junto a uma janela embaçada pelo sopro de uma vida que passou. Sou uma visão e tanto esta manhã: estou com duas blusas, calças pesadas, um cachecol enrolado duas vezes em volta do pescoço e preso em um grosso suéter tricotado pela minha filha trinta aniversários atrás.

O termostato no meu quarto está no máximo e há um aquecedor menor bem atrás de mim. O aparelho estala, geme e cospe ar quente feito um dragão de conto de fadas, mas, ainda assim, meu corpo treme com um frio que nunca passa, um frio que vem se formando há oitenta anos. Oitenta anos, penso às vezes e, apesar de aceitar bem minha idade, ainda me espanto por não conseguir me aquecer desde que George Bush era presidente. Imagino se isso acontece com todos da minha idade.

Minha vida? Não é fácil explicar. Não foi tão empolgante quanto pensei que seria, mas tampouco vivi enclausurado. Acho que foi mais como as ações de uma grande empresa: bem estável, possuindo mais altos do que baixos e tendo uma tendência a subir gradualmente ao longo do tempo. Uma boa aquisição, feita com certa dose de sorte, eu poderia dizer. E descobri que nem todo mundo pode afirmar isso sobre a própria vida.

Mas não se deixe enganar. Não sou nada especial; disso eu tenho certeza. Sou um homem simples, com pensamentos comuns, e levei uma vida modesta. Não há monumentos dedicados a mim e meu

nome em breve será esquecido, mas amei alguém de todo o coração e, para mim, isso sempre foi suficiente.

Os românticos chamariam isso de história de amor; os cínicos, de tragédia. Na minha cabeça, é um pouco das duas e, no fim das contas, independentemente de como se decida encarar as coisas, isso não muda o fato de que essa história tem que ver com grande parte da minha vida e o caminho que escolhi seguir.

Não tenho queixas sobre esse caminho e os lugares por onde me levou; tenho queixas suficientes para encher uma tenda de circo talvez a respeito de outras coisas, mas o caminho que escolhi sempre foi o certo para mim, e eu não faria nada diferente.

O tempo, infelizmente, não facilita em nada a intenção de manter o curso. O caminho continua reto como sempre, mas passa a estar coberto pelas pedras e pelo cascalho que se acumulam ao longo da vida. Até três anos atrás, teria sido fácil ignorar, mas agora é impossível. Há uma doença percorrendo meu corpo; não sou forte nem saudável e meus dias se passam como um velho balão de festa: sem energia, sem brilho e mais devagar com o tempo.

Dou uma tossida e, estreitando os olhos, confiro o relógio. Percebo que é hora de ir. Levanto-me de onde estou sentado perto da janela e arrasto os pés pelo quarto, parando junto à escrivaninha para pegar o diário que já li centenas de vezes. Não dou uma olhada nele. Só o coloco embaixo do braço e sigo meu caminho para onde devo ir.

Passo por pisos de cerâmica brancos salpicados de cinza. Como o meu cabelo e o da maioria das pessoas aqui, embora eu seja o único no corredor esta manhã. Os outros se encontram em seus quartos, tendo apenas a televisão por companhia, mas eles, como eu, já estão acostumados. As pessoas podem se acostumar com qualquer coisa com o tempo.

Ouçõ os sons abafados de um choro a distância e sei exatamente a quem pertence. Então as enfermeiras me veem e trocamos sorrisos e cumprimentos. Elas são minhas amigas e conversamos sempre, mas

tenho certeza de que falam sobre mim e sobre o que faço todos os dias. Posso ouvi-las sussurrarem entre si quando passo: “Lá vai ele de novo” ou “Espero que corra tudo bem”.

Mas para mim elas não falam nada sobre isso. Tenho certeza de que pensam que eu me sentiria mal em conversar sobre essas coisas logo de manhã cedo e, como me conheço bem, acho que provavelmente estão certas.

Um minuto depois, chego ao quarto. A porta foi deixada aberta para mim, como sempre. No cômodo há outras duas pessoas, que também me sorriem quando entro.

– Bom dia – dizem com vozes alegres, e aproveito para perguntar sobre as crianças, as escolas e as férias que se aproximam.

Conversamos por cima do som do choro por cerca de um minuto. Elas não parecem notar; já estão acostumadas, assim como eu.

Depois me sento na cadeira que já assumiu a minha forma. As enfermeiras estão terminando; ela já está vestida, mas continua chorando. Tudo ficará mais calmo depois que elas saírem, eu sei. A agitação da manhã sempre a perturba, e hoje não é exceção. Enfim a cortina é aberta e as enfermeiras saem. As duas me tocam e sorriem ao passarem por mim. Eu me pergunto o que isso significa.

Fico ali sentado por um segundo, olhando para ela, que não retribui o olhar. Entendo, pois ela não sabe quem sou. Sou um estranho para ela. Então, virando para o lado, curvo a cabeça e rezo em silêncio, pedindo a força de que sei que vou precisar. Sempre acreditei com muita convicção em Deus e no poder da oração, embora, para ser sincero, minha fé tenha despertado uma série de perguntas que realmente espero que sejam respondidas depois que eu tiver partido.

Estou pronto agora. Coloco os óculos e tiro uma lupa do bolso. Deixo-a na mesa por um instante enquanto abro o diário. Preciso lambe duas vezes meu dedo áspero para abrir a capa já bem gasta e encontrar a primeira página. Então coloco a lupa no lugar.

Antes de eu começar a ler a história, há sempre um momento em que minha mente se agita e eu me pergunto: “Será que vai acontecer

hoje?” Eu não sei, porque nunca sei de antemão e, no fundo, isso não importa. É a possibilidade que me faz continuar, não a certeza, uma espécie de aposta minha. E, embora você possa me chamar de sonhador ou tolo ou qualquer outra coisa, acredito que tudo seja possível.

Percebo que a ciência e as probabilidades estão contra mim. Mas a ciência não é a única e absoluta resposta; disso eu sei, aprendi ao longo da vida. Assim, me resta acreditar que milagres, por mais inexplicáveis ou inacreditáveis que pareçam, são reais e podem acontecer sem levar em consideração a ordem natural das coisas.

Por isso, mais uma vez, assim como faço todos os dias, começo a ler o diário em voz alta para que ela possa ouvi-lo, na esperança de que o milagre que acabou tomando conta da minha vida aconteça de novo.

E talvez, apenas talvez, vá mesmo acontecer.

# Fantasma



**E**ra o começo de outubro de 1946, e Noah Calhoun via o sol se pôr lentamente da varanda que contornava sua casa em estilo de fazenda. Ele gostava de se sentar ali à noite, ainda mais depois de trabalhar muito o dia inteiro, e deixar os pensamentos vagarem sem rumo. Era sua forma de relaxar, uma rotina que aprendera com o pai.

Gostava sobretudo de observar as árvores e seus reflexos no rio. As árvores da Carolina do Norte são lindas no meio do outono: seus tons de verde, amarelo, vermelho, laranja e todos os tons possíveis entre uma cor e outra. Suas tonalidades deslumbrantes brilham à luz do sol e, pela centésima vez, Noah Calhoun se perguntou se os proprietários originais da casa passavam as noites pensando as mesmas coisas.

A construção fora erguida em 1772 e era uma das mais antigas e maiores de New Bern. Originalmente fora a casa principal de uma fazenda. Ele a comprara logo após o fim da guerra e passara os últimos onze meses reformando-a, empreendimento no qual gastara uma pequena fortuna. Um repórter do jornal de Raleigh fizera um artigo sobre ela havia algumas semanas, dizendo ser uma das melhores restaurações que já vira. Pelo menos a casa era. O restante da propriedade era outra história, e era a ele que Noah dedicara a maior parte do dia.

A casa ficava em um terreno de 5 hectares à margem de um riacho chamado Brices, e ele trabalhara na cerca de madeira em torno dos outros três lados da propriedade, verificando se havia carunchos ou cupins e fazendo substituições onde era necessário.



Noah ainda tinha mais trabalho a fazer na cerca, sobretudo no lado oeste, e, quando guardara as ferramentas mais cedo, pensara que precisava se lembrar de encomendar mais madeira. Entrara em casa, bebera um copo de chá gelado e depois tomara banho. Ele sempre tomava banho no final do dia, para deixar que a água levasse embora tanto a sujeira quanto o cansaço.

Depois penteara o cabelo para trás, vestira uma calça jeans desbotada e uma camisa azul de manga comprida, enchera outro copo de chá gelado e fora para a varanda, onde agora estava sentado, como fazia todos os dias àquela hora.

Esticou os braços acima da cabeça, depois para os lados, girando os ombros para encerrar. Sentia-se bem e limpo agora, revigorado. Seus músculos estavam cansados e ele sabia que sentiria o corpo um pouco dolorido no dia seguinte, mas estava satisfeito por ter conseguido fazer a maior parte do que planejara.

Noah pegou seu violão e se lembrou do pai, pensando em quanto sentia falta dele. Dedilhou uma vez, ajustou a tensão em duas cordas, depois dedilhou novamente. Dessa vez, o som lhe pareceu afinado, então começou a tocar. Música suave, tranquila. No início murmurou alguns sons durante um tempo, depois começou a cantar enquanto a noite caía à sua volta. Tocou e cantou até o sol sumir e o céu escurecer.

Passava um pouco das sete quando parou de tocar, então se recostou na cadeira e começou a balançar. Por força do hábito, olhou para cima e viu as constelações de Órion e a Ursa Maior, Gêmeos e a Estrela Polar, brilhando no céu de outono.

Tinha começado a fazer contas, mas parou. Sabia que gastara quase todas as suas economias na casa e teria de encontrar outro emprego em breve, mas deixou o pensamento de lado e decidiu desfrutar os meses restantes de restauração sem se preocupar com isso. Daria tudo certo, ele sabia; sempre dava.

Além disso, pensar em dinheiro geralmente o aborrecia. Desde cedo, ele aprendera a desfrutar das coisas simples, coisas que não

podiam ser compradas, e tinha dificuldade em entender as pessoas que pensavam o contrário. Essa era outra característica que herdara do pai.

Clem, sua cadela de caça, aproximou-se dele e roçou o focinho em sua mão antes de se deitar a seus pés.

– Ei, garota, como está? – perguntou, acariciando sua cabeça, e ela ganiu baixinho, os olhos redondos e mansos virados na direção dele.

Clem perdera uma perna em um acidente de carro, mas ainda andava bem o suficiente e lhe fazia companhia em noites tranquilas como aquela.

Noah tinha 31 anos agora. Não era tão velho, mas era velho o suficiente para se sentir sozinho. Não saíra com ninguém desde que voltara para ali, não conhecera ninguém que sequer lhe despertasse o interesse. A culpa era só sua, ele sabia. Havia algo que o mantinha afastado de qualquer mulher que tentasse se aproximar, algo que não tinha certeza se poderia mudar mesmo que tentasse. E, às vezes, pouco antes de adormecer, ele se perguntava se estava destinado a ficar sozinho para sempre.

A noite ia passando, quente e agradável. Noah ouvia os grilos e o farfalhar das folhas. Para ele, os sons da natureza eram mais reais e despertavam mais emoções do que coisas luxuosas como carros e aviões.

A natureza dava mais do que tomava, e seus sons sempre o levavam de volta ao modo como o homem devia ser. Houvera vezes durante a guerra, principalmente depois de grandes combates, em que ele pensara nesses sons simples. “Isso fará com que não enlouqueça”, dissera seu pai no dia em que Noah embarcara. “É a música de Deus e vai trazê-lo de volta para casa.”

Ele terminou o chá, entrou, pegou um livro e ligou a luz da varanda quando voltava lá para fora. Após sentar outra vez, olhou para o livro. Era antigo, a capa estava rasgada, e as páginas, manchadas de lama e água. Era *Folhas de relva*, de Walt Whitman, e Noah o carre-

gara durante toda a guerra. O livro até mesmo levava uma bala em seu lugar certa vez.

Esfregou a capa, tirando um pouco da poeira. Então abriu aleatoriamente o livro e leu as palavras à sua frente:

*Esta é a tua hora, ó alma, do teu livre voo  
para lá das palavras,  
para além dos livros, da arte, concluído  
o dia, terminada a lição,  
quando emerges em plenitude, silenciosa, o olhar fixo,  
meditando sobre os temas que mais amas,  
a noite, o sono, a morte e as estrelas.*

Noah sorriu. Por alguma razão Whitman sempre o fazia lembrar-se de New Bern, e ele estava feliz por ter voltado. Embora tivesse ficado longe por catorze anos, aquele era o seu lar, onde conhecia várias pessoas, a maioria desde a juventude. O que não era nenhuma surpresa. Como em muitas cidades do Sul, as pessoas que moravam ali nunca mudavam, só ficavam um pouco mais velhas.

Seu melhor amigo hoje em dia era Gus, um negro de 70 anos que morava mais adiante na estrada. Eles tinham se conhecido algumas semanas depois que Noah comprara a casa, quando Gus aparecera com um licor caseiro e uma travessa de ensopado, e os dois passaram aquela primeira noite se embebedando e contando histórias.

Agora Gus sempre aparecia algumas noites por semana, normalmente por volta das oito da noite. Com quatro filhos e onze netos em casa, ele precisava sair de vez em quando, e Noah não podia culpá-lo. Gus costumava trazer sua gaita e, depois de conversarem um pouco, os dois tocavam algumas músicas juntos. Às vezes o faziam por horas.

Noah passara a enxergar Gus como alguém da família. Já não tinha mais ninguém, não desde que o pai falecera, no ano anterior. Era filho único; a mãe morrera de gripe quando ele tinha 2 anos e,

embora ele em dado momento tivesse desejado se casar, permaneceria solteiro.

Mas já se apaixonara. Uma única vez, havia muito tempo. E essa experiência o mudara para sempre. O amor perfeito fazia isso com as pessoas, e aquele fora perfeito.

Nuvens costeiras começavam a cruzar lentamente o céu noturno, ficando prateadas com o reflexo da lua. Enquanto se avolumavam, ele inclinou a cabeça para trás, repousando-a na cadeira de balanço. Suas pernas se moviam de forma automática, mantendo um ritmo e, como acontecia na maioria das noites, sentiu a mente voltar para uma noite quente como aquela catorze anos antes.

Era a noite de abertura do Festival do Rio Neuse, logo após a formatura do ano de 1932. A cidade inteira estava nas ruas, desfrutando o churrasco e os jogos de azar. Era uma noite bem úmida – por alguma razão, ele se lembrava disso com clareza.

Noah chegara sozinho e, enquanto caminhava em meio à multidão, procurando seus amigos, avistara Fin e Sarah, duas pessoas com quem crescera, conversando com uma garota que ele nunca vira. Ela era bonita, lembrava-se de ter pensado, e, quando enfim se juntara a eles, a garota o encarara com olhos enevoados que pareciam não sair dos pensamentos de Noah. “Olá”, dissera ela simplesmente enquanto lhe oferecia a mão. “Finley me falou muito sobre você.”

Um começo comum, algo que teria sido esquecido se fosse qualquer outra pessoa, menos ela. Porém, quando apertou a mão dela e viu aqueles estonteantes olhos cor de esmeralda, ele soube, antes mesmo de respirar de novo, que ela era a mulher que ele poderia passar o resto da vida procurando sem jamais encontrar. Era incrível, perfeita, pensou, enquanto uma brisa de verão soprava através das árvores.

A partir desse instante, tudo correu como se fosse um furacão. Fin lhe contou que ela estava passando o verão em New Bern com a família porque o pai trabalhava para a empresa de tabaco R. J. Reynolds, e, embora Noah só tivesse balançado a cabeça, a maneira como ela olhava para ele fez parecer que estava tudo bem com seu

silêncio. Então Fin soltou uma risada ao notar o que estava acontecendo, Sarah sugeriu que fossem comprar refrigerante e os quatro ficaram no festival até as pessoas irem embora e tudo fechar.

Os dois se encontraram no dia seguinte, e no dia depois daquele, e logo se tornaram inseparáveis. Todas as manhãs, com exceção do domingo, quando ele precisava ir à igreja, Noah terminava suas tarefas o mais rápido possível, então seguia direto para o parque Fort Totten, onde ela estaria à sua espera.

Como era nova ali e nunca estivera em uma cidade pequena antes, os dois passavam os dias fazendo coisas que eram novidade para ela. Noah lhe ensinou a colocar uma isca no anzol e pescar perca-negra nas águas rasas e levou Allie para explorar os lugares mais ermos da floresta de Croatan. Eles andavam de canoa e observavam tempestades de verão, e, para ele, parecia que os dois se conheciam desde sempre, a vida inteira.

Mas Noah também aprendeu algumas coisas. No baile da cidade no celeiro de tabaco, foi ela quem lhe ensinou a dançar valsa e charleston, e, embora tenham se atrapalhado nas primeiras músicas, sua paciência com ele valeu a pena e os dois dançaram juntos até o baile terminar. Noah a levou para casa depois e, enquanto estavam na varanda depois de dizer boa-noite, ele a beijou pela primeira vez e se perguntou por que esperara tanto para fazer isso.

Mais tarde, naquele verão, ele a levou até a casa onde morava hoje, sem se importar com o aspecto decadente do lugar, e lhe disse que um dia seria dono de tudo aquilo e restauraria o antigo casarão. Passaram horas juntos ali conversando sobre seus sonhos – o dele, de conhecer o mundo; o dela, de ser uma artista – e, em uma noite úmida de agosto, os dois perderam a virgindade.

Quando foi embora, três semanas mais tarde, ela levou junto um pedaço dele e o resto do verão. Noah a viu deixar a cidade em uma manhã chuvosa, acompanhou tudo com olhos que não tinham dormido na noite anterior, então foi para casa e arrumou a mala. Passou a semana seguinte sozinho na ilha Harkers.

Noah correu as mãos pelo cabelo e deu uma olhada no relógio. Oito e doze. Levantou, caminhou até a frente da casa e olhou para a estrada. Nada de Gus, e Noah concluiu que ele não viria. Então voltou para a cadeira de balanço e se sentou de novo.

Lembrou-se de sua conversa com Gus sobre ela. Na primeira vez em que falara da garota, Gus começara a balançar a cabeça e rir: “Então é desse fantasma que você vem fugindo.” Quando Noah lhe perguntara o que queria dizer, Gus respondera: “Você sabe, o fantasma, a lembrança. Andei observando você, trabalhando dia e noite como um escravo, quase não tendo tempo nem para respirar. As pessoas fazem isso por três razões: porque são loucas, burras ou estão tentando esquecer alguma coisa. Eu já sabia que, no seu caso, era para tentar esquecer. Só não sabia ainda o quê.”

Noah pensou no que Gus dissera. Ele estava certo, é claro. New Bern estava assombrada para Noah agora. Assombrada pelo fantasma da lembrança dela. Ele a via no parque Fort Totten, o lugar especial dos dois, toda vez que passava por lá. Ou sentada no banco ou de pé junto ao portão, sempre sorrindo, os olhos cor de esmeralda, o cabelo louro tocando delicadamente os ombros. Quando se sentava na varanda à noite com seu violão, ele a via ao seu lado, ouvindo em silêncio Noah tocar as músicas de sua infância.

Sentia o mesmo quando ia à drogaria de Gaston, ou ao cinema, ou até mesmo quando passeava pelo centro da cidade. Em todos os lugares para onde olhava, via a imagem dela, via coisas que a traziam de volta à sua vida.

Era estranho, sabia disso. Ele havia crescido em New Bern. Passara os primeiros dezessete anos de sua vida ali. Mas, quando pensava na cidade, parecia só se lembrar daquele último verão, do verão em que ficaram juntos. Outras lembranças eram apenas fragmentos, alguns pedaços da época em que crescera, e poucos, se é que algum, lhe despertavam sentimentos.

Falara sobre isso com Gus certa noite e o amigo não só entendera como fora o primeiro a lhe explicar o porquê daquilo “Meu pai cos-

tumava me dizer que a primeira vez em que uma pessoa se apaixona, isso muda a vida dela para sempre”, dissera com calma. “Mesmo com muito esforço, o sentimento nunca vai embora. Essa garota de quem você me falou foi seu primeiro amor. E, não importa o que você faça, ela ficará com você para sempre.”

Noah balançou a cabeça e, quando a imagem dela começou a desaparecer, voltou para o livro de Whitman. Leu durante uma hora, levantando os olhos de vez em quando para ver guaxinins e gambás correndo perto do riacho. Às nove e meia, fechou o livro, subiu para o quarto e escreveu em seu diário, incluindo observações pessoais e o trabalho que fizera na casa.

Quarenta minutos depois, estava dormindo. Clem subiu as escadas, deu uma fungada no dono adormecido e depois andou em círculos antes de finalmente enroscar-se ao pé da cama.



Mais cedo naquela mesma noite e a 160 quilômetros dali, ela se sentara sozinha no balanço da varanda da casa dos pais, com uma perna dobrada sob o corpo. O assento estava um pouco úmido quando se sentou; tinha chovido mais cedo, uma chuva bem forte, mas as nuvens já estavam sumindo, e ela olhou para as estrelas no céu, perguntando-se se tomara a decisão certa. Tinha ficado angustiada pela dúvida por vários dias – e um pouco mais naquela noite –, mas, no fim das contas, sabia que nunca se perdoaria se deixasse aquela oportunidade escapar.

Lon não sabia o verdadeiro motivo pelo qual ela partira naquela manhã. Na semana anterior, ela dera a entender que gostaria de visitar alguns antiquários perto da costa. “É só por alguns dias”, dissera. “Além disso, preciso de uma folga dos preparativos para o casamento.”

Ela se sentia mal por mentir para ele, mas não podia lhe dizer a

verdade. Sua partida não tinha nada a ver com Lon, e não seria justo lhe pedir que entendesse.

Ela saíra de Raleigh e, em pouco mais de duas horas, quase às onze, chegara ali. Hospedara-se em uma pequena pousada no centro, fora para o quarto e desfizera a mala, pendurando os vestidos no armário e colocando todo o resto nas gavetas. Almoçara rapidamente, perguntara à garçonete onde ficavam os antiquários mais próximos e depois passara as horas seguintes fazendo compras. Às quatro e meia, estava de volta ao quarto.

Sentou-se na beirada da cama, pegou o telefone e ligou para Lon. Ele não podia falar muito, pois tinha de ir ao tribunal, mas, antes de desligar, ela lhe deu o número do telefone da pousada onde estava hospedada e prometeu ligar no dia seguinte.

Ótimo, pensou enquanto desligava o telefone. Uma conversa de rotina, nada fora do comum. Nada que o deixasse desconfiado.

Ela o conhecia havia quase quatro anos, desde 1942, quando o mundo estava em guerra e os Estados Unidos já haviam se envolvido fazia um ano. Todos estavam fazendo sua parte, e ela trabalhava como voluntária no hospital no centro. Gostavam e precisavam dela por lá, mas era mais difícil do que esperara.

As primeiras levas de jovens soldados machucados voltavam para casa, e ela passava os dias com homens feridos e corpos despedaçados. Quando Lon, com todo o seu charme natural, apresentou-se numa festa natalina, ela enxergou nele exatamente aquilo de que precisava: alguém confiante em relação ao futuro e com um senso de humor que afastava todos os seus medos.

Ele era bonito, inteligente e determinado, um advogado bem-sucedido e oito anos mais velho do que ela que desempenhava seu trabalho com paixão, não só ganhando casos, mas também construindo sua reputação. Ela entendia sua vigorosa busca pelo sucesso, pois o pai e a maioria dos homens que conhecia em seu círculo social eram do mesmo jeito. Como eles, Lon fora criado dessa maneira, e, no Sul, o nome da família e as realizações de uma pessoa muitas



vezes eram as coisas mais importantes a levar em conta quando se pensava em casamento. Em alguns casos, eram as únicas.

Embora tivesse se rebelado em silêncio contra essa ideia desde a infância e namorado alguns homens que poderiam ser descritos como imprudentes, ela se vira atraída pelo jeito tranquilo de Lon e, aos poucos, passara a amá-lo. Apesar das longas horas que trabalhava, ele era bom para ela. Lon era um cavalheiro, era maduro e responsável e, durante aqueles períodos terríveis da guerra em que ela precisara de alguém para abraçá-la, ele nunca a abandonara. Ela se sentia segura com Lon e sabia que ele também a amava, por isso aceitara seu pedido de casamento.

Pensar nessas coisas fazia com que ela se sentisse culpada por estar ali, consciente de que deveria arrumar as malas e ir embora antes que mudasse de ideia. Ela fizera isso uma vez antes, havia muito tempo, e, se partisse agora, sabia que nunca mais teria forças para voltar. Pegou sua bolsa, hesitou e quase chegou até a porta. Mas uma coincidência a levara até ali, então pousou a bolsa, percebendo novamente que, se desistisse, passaria a vida inteira perguntando-se o que poderia ter acontecido. E ela achava que não conseguiria viver com essa dúvida.

Decidiu tomar um banho e ligou a torneira da banheira. Após verificar a temperatura da água, cruzou o quarto tirando os brincos de ouro e foi até a cômoda. Encontrou seu nécessaire de maquiagem, abriu-o e tirou de lá um barbeador e um sabonete, em seguida se despiu em frente à escrivaninha.

Todos diziam que era bonita desde criança, e, já nua, olhou para si mesma no espelho. Seu corpo era firme e bem-proporcionado: seios suavemente arredondados, sem barriga e com pernas compridas. Herdara as maçãs do rosto salientes, a pele macia e os cabelos louros da mãe, mas seu traço mais bonito era só dela. Seus olhos eram como as ondas do mar, como Lon gostava de dizer.

Levou o aparelho de barbear e o sabão até o banheiro, desligou a torneira, colocou uma toalha ao alcance da mão e entrou na água com cuidado.

Gostava da forma como o banho a relaxava, e deixou o corpo afundar um pouco mais na água. O dia havia sido longo e suas costas estavam tensas, mas ficou satisfeita por ter terminado as compras tão rápido.

Precisava voltar a Raleigh com algo tangível, e as coisas que comprara serviriam perfeitamente. Pensou, então, que seria melhor descobrir os nomes de algumas outras lojas na área de Beaufort, mas logo duvidou que fosse precisar disso. Lon não era do tipo que verificava as coisas que ela fazia.

Pegou o sabonete, fez espuma e começou a depilar as pernas. Enquanto isso, pensou em seus pais e no que achariam de seu comportamento. Sem dúvida desaprovavam, sobretudo a mãe. Sua mãe nunca aceitara o que tinha acontecido no verão que passaram ali e não aceitaria agora, não importava a justificativa que ela desse.

Relaxou um pouco mais na banheira antes de sair e se enxugar. Foi ao armário pegar um vestido, enfim escolhendo um longo amarelo um pouco decotado na frente, o tipo de roupa que era comum no Sul. Vestiu-o e se olhou no espelho, virando de um lado para outro. Caía muito bem nela e lhe dava um ar bastante feminino, mas acabou decidindo tirá-lo e pendurá-lo de volta no cabide.

Então escolheu um vestido mais casual e menos revelador: azul-claro com detalhes em renda, abotoado na frente. Embora não fosse tão bonito quanto o primeiro, este passava uma imagem mais apropriada.

Fez uma maquiagem discreta, apenas uma sombra suave e rímel para acentuar os olhos. Em seguida, passou perfume, mas não muito. Colocou um par de brincos pequenos de argola, depois calçou as sandálias bege de salto baixo que usara mais cedo. Penteou o cabelo louro, prendeu-o e se olhou no espelho. *Não, arrumada demais*, pensou e soltou-o outra vez. Melhor assim.

Quando terminou, deu um passo para trás e avaliou a aparência. Estava bem: nem muito elegante nem muito casual. Não queria exagerar. Afinal, não sabia o que esperar. Já fazia muito tempo – pro-

vavelmente tempo de mais – e muitas coisas podiam ter acontecido, até mesmo coisas sobre as quais não queria pensar.

Baixou os olhos, viu que suas mãos estavam tremendo e riu para si mesma. Era estranho; não costumava ficar nervosa desse jeito. Assim como Lon, ela sempre fora confiante, desde criança. Isso chegara até mesmo a ser problema para ela algumas vezes, ainda mais na época de namoros, porque intimidava a maioria dos garotos de sua idade.

Então pegou a bolsa e as chaves do carro, depois a chave do quarto. Ficou girando-a algumas vezes, tomando coragem: *Você veio até aqui, não vá desistir agora*. Quase conseguiu sair nessa hora, mas acabou se sentando na cama de novo. Conferiu o relógio. Quase seis horas. Sabia que tinha de sair logo – não queria chegar depois que escurecesse, mas precisava de um pouco mais de tempo.

– Droga! – sussurrou – O que estou fazendo? Eu não devia estar aqui. Não há nenhuma razão para isso.

Mas, assim que disse essas palavras, soube que não eram verdade. Tinha, sim, algo a fazer ali. E, pelo menos, teria sua resposta.

Abriu a bolsa e revirou-a até encontrar um pedaço de jornal dobrado. Após tirá-lo de lá de forma lenta e quase reverente, com cuidado para não rasgar, desdobrou-o e observou-o fixamente por um tempo.

– É por isso – falou por fim. – É disso que se trata.



Noah se levantou às cinco da manhã e andou de caiaque por uma hora subindo o riacho, como costumava fazer. Quando terminou, vestiu sua roupa de trabalho, aqueceu alguns pãezinhos do dia anterior, pegou duas maçãs e comeu tudo acompanhado de duas xícaras de café.

Trabalhou mais na cerca, consertando a maioria das estacas que

precisavam de reparos. O clima estava atípico para a época, a temperatura acima dos 26 graus, e na hora do almoço ele já estava com muito calor, cansado e feliz por fazer uma pausa.

Noah comeu na margem do riacho para poder observar as tainhas pulando. Gostava de vê-las saltar três ou quatro vezes e deslizar pelo ar antes de desaparecer na água salobra. Por alguma razão, sempre ficara feliz em ver que o instinto delas não mudara em milhares, talvez dezenas de milhares de anos.

Algumas vezes, se perguntava se os instintos do homem haviam mudado naquele tempo e sempre concluía que também não. Pelo menos no que havia de mais básico, de mais primitivo. Até onde sabia, o homem sempre fora agressivo, sempre se esforçara para dominar, tentando controlar o mundo e tudo nele. A guerra na Europa e no Japão era prova disso.

Noah parou de trabalhar um pouco depois das três e andou até um pequeno galpão perto do cais. Entrou, apanhou sua vara de pescar, algumas iscas e alguns grilos vivos que mantinha ali, em seguida voltou ao cais, colocou a isca no anzol e lançou sua linha.

A pesca sempre o fazia refletir sobre a vida, e foi o que Noah fez então. Lembrou-se de que, após a morte da mãe, ele tinha passado alguns dias na casa de outras pessoas. Por alguma razão, ele gaguejava bastante quando criança e implicavam com ele por isso. Assim, passara a falar cada vez menos e, aos 5 anos, já não falava mais. Quando iniciou os estudos, os professores acharam que ele tinha algum problema mental e recomendaram que saísse da escola.

Em vez disso, o pai tomou as rédeas do problema. Não o tirou da escola e, mais tarde, colocou-o para trabalhar com ele no depósito de madeira, onde carregava e empilhava. “É bom passarmos um tempo juntos”, dizia enquanto trabalhavam lado a lado. “Assim como meu pai e eu fazíamos.”

Durante esse tempo, seu pai falava sobre pássaros e outros animais ou lhe contava histórias e lendas conhecidas na Carolina do Norte. Dentro de alguns meses, Noah estava falando de novo, embo-

ra não muito bem, e seu pai resolveu ensinar-lhe a ler usando livros de poesia.

“Aprenda a ler isso em voz alta e você conseguirá dizer tudo o que quiser.” O pai tinha razão mais uma vez e, no ano seguinte, Noah já deixara de lado a gagueira.

Mas continuou a ir para o depósito de madeira todos os dias, apenas porque o pai estava lá, e à noite lia as obras de Walt Whitman e Alfred Tennyson em voz alta enquanto seu pai se balançava ao seu lado. E não deixou de ler poesia desde então.

Quando ficou um pouco mais velho, passava a maior parte dos fins de semana e das férias sozinho. Explorou a floresta de Croatan em sua primeira canoa, remando pelo riacho por mais de 30 quilômetros até não ter mais como seguir adiante, e então percorreu a pé os quilômetros restantes até a costa.

Acampar e explorar se tornaram suas paixões, e ele passava horas na floresta, sentado sob os carvalhos, assobiando baixinho e tocando seu violão para castores, gansos e garças-azuis selvagens. Os poetas sabiam que se isolar na natureza, longe das pessoas e das coisas feitas pelo homem, era bom para a alma, e ele sempre se identificara com esses artistas.

Embora fosse calado, os anos de trabalho pesado na madeireira o ajudaram a se destacar nos esportes, e seu sucesso atlético lhe conferiu popularidade. Noah gostava dos jogos de futebol americano e das competições de atletismo, mas, embora a maioria de seus companheiros de equipe passassem o tempo livre juntos também, quase nunca se reunia a eles. Uma pessoa ou outra o considerava arrogante; a maioria apenas achava que Noah amadurecera um pouco mais rápido do que os outros. Teve algumas namoradas no colégio, mas nenhuma chegou a lhe causar grande impacto. Exceto uma. E ele a conheceu depois da formatura.

Allie. Sua Allie.

Recordou sua conversa com Fin sobre Allie depois que foram embora do festival naquela primeira noite. Fin rira. Então fizera duas

previsões: a primeira, que os dois se apaixonariam; a segunda, que não daria certo.

Noah sentiu um ligeiro puxão em sua linha e esperou que fosse uma perca-negra, mas o que quer que fosse acabou parando de puxar. Após enrolar a linha e checar a isca, ele lançou o anzol na água outra vez.

Fin acabara acertando suas duas previsões. Na maior parte do verão, ela tivera de inventar desculpas para os pais sempre que os dois queriam se encontrar. Não era que não gostassem de Noah... mas ele pertencia a uma classe social diferente, era muito pobre, e os pais de Allie nunca aprovariam que a filha tivesse um relacionamento sério com alguém como ele.

“Não me importo com o que os meus pais pensam, eu te amo e sempre vou amar”, dizia ela. “Vamos encontrar uma maneira de ficarmos juntos.”

Mas, no fim das contas, não conseguiram. No início de setembro, o tabaco tinha sido colhido e Allie não teve escolha a não ser voltar com a família para Winston-Salem.

“Só o verão terminou, Allie, nós não”, falou Noah na manhã em que ela partiu. “Nós nunca vamos terminar.”

Só que, infelizmente, terminaram. Por algum motivo que ele não conseguia entender muito bem, as cartas que enviou permaneceram sem resposta.

Por fim, Noah decidira deixar New Bern para conseguir tirar Allie da cabeça, mas também porque a Grande Depressão tornara quase impossível ganhar a vida ali. Fora primeiro para Norfolk e trabalhara em um estaleiro durante seis meses antes de ser demitido, então se mudara para Nova Jersey, porque tinha ouvido falar que a economia não andava tão ruim por lá.

Acabara arrumando emprego em um ferro-velho, separando sucata de metal. O proprietário, um judeu chamado Morris Goldman, estava determinado a coletar o máximo de sucata de metal possível, convencido de que uma guerra se iniciaria na Europa e que os

Estados Unidos seriam arrastados outra vez. Noah, porém, não se importava com o motivo. Só estava feliz por ter um emprego.

Seus anos no depósito de madeira o haviam preparado para aquele tipo de serviço e ele trabalhava muito. Isso não só o ajudava a tirar Allie da cabeça durante o dia como era algo que sentia que devia fazer. Seu pai sempre dissera: “Se quer um dia de salário, dê um dia de trabalho. Qualquer coisa diferente disso é roubo.”

Essa atitude agradava seu chefe. “É uma pena você não ser judeu”, dizia Goldman. “Você é um rapaz muito bom sob todos os outros aspectos.”

Era o melhor elogio que Goldman poderia fazer.

Ele não parava de pensar em Allie, ainda mais à noite. Noah escrevia para ela uma vez por mês, mas nunca recebia resposta. Por fim, escreveu uma última carta e se forçou a aceitar o fato de que o verão que tinham passado juntos seria a única coisa que compartilhariam.

Ainda assim, Allie permaneceu com ele. Três anos depois de ter escrito a última carta, ele viajou até Winston-Salem na esperança de encontrá-la. Foi à casa dela, descobriu que tinha se mudado e, após conversar com alguns vizinhos, ligou para a R. J. Reynolds.

A garota que atendeu ao telefone era nova e não reconheceu o nome que ele falou, mas pesquisou os arquivos para Noah. Ela descobriu que o pai de Allie saíra da empresa sem deixar nenhum novo endereço registrado. Aquela foi a primeira e última vez que ele a procurou.

Durante os oito anos seguintes, Noah trabalhou para Goldman. A princípio, era mais um dos doze empregados, mas, com o passar dos anos, a empresa cresceu e ele foi promovido. Em 1940, Noah dominava o negócio e cuidava de toda a operação, fechando as negociações e gerenciando uma equipe de trinta pessoas. O ferro-velho havia se tornado o maior negociante de sucata da Costa Leste.

Durante esse tempo, ele saiu com algumas mulheres. Chegou a ter um relacionamento sério com uma delas, uma garçonete do restaurante local com profundos olhos azuis e cabelos pretos sedosos.

Apesar de terem namorado por dois anos e passado vários bons momentos juntos, ele nunca chegou a sentir por ela o mesmo que sentira por Allie.

Mas também não se esqueceu da garçonete, que era alguns anos mais velha do que ele e fora quem lhe ensinara como agradar uma mulher, os lugares que devia tocar e beijar, onde devia se demorar mais e o que sussurrar. Às vezes passavam um dia inteiro na cama, abraçando-se e fazendo amor de um jeito que satisfazia plenamente os dois.

Ela sabia que não ficariam juntos para sempre. Quase no fim do relacionamento, dissera: “Queria poder lhe dar o que você está procurando, mas não sei o que é. Você mantém uma parte de si fechada para todos, inclusive para mim. É como se não estivesse de fato comigo. Sua cabeça está em outra pessoa.”

Noah tentou negar, mas ela não acreditou e prosseguiu: “Sou mulher... entendo dessas coisas. Às vezes, quando você olha para mim, sei que está vendo outra pessoa. É como se você ficasse esperando que essa garota aparecesse do nada para tirá-lo daqui...”

Um mês depois, ela o visitou no trabalho e disse que conhecera outra pessoa. Ele entendeu. Separaram-se como amigos e, no ano seguinte, Noah recebeu um cartão-postal dela dizendo que havia se casado. Depois nunca mais ouviu falar da mulher.

Enquanto estava em Nova Jersey, Noah visitava o pai uma vez por ano, perto do Natal. Eles passavam o tempo pescando e conversando e, às vezes, viajavam até a costa para acampar nos Outer Banks, uma cadeia de ilhas ao longo do litoral, perto de Ocracoke.

Em dezembro de 1941, quando tinha 26 anos, os Estados Unidos entraram na guerra, assim como Goldman previra. Noah entrou em seu escritório no mês seguinte e informou o patrão de sua intenção de se alistar, depois voltou a New Bern para se despedir do pai.

Cinco semanas depois estava em um campo de treinamento. Durante o tempo que passou lá, recebeu uma carta de Goldman agradecendo-lhe por seu trabalho, junto com a cópia de um documento



que lhe garantia uma pequena porcentagem do ferro-velho se algum dia o vendesse. “Eu não teria conseguido sem você”, dizia a carta. “Você é o melhor rapaz que já trabalhou para mim, mesmo não sendo judeu.”

Noah passou os três anos seguintes com o 3º Exército de Patton, cruzando desertos no norte da África e florestas na Europa com quase 15 quilos nas costas, sua unidade de infantaria nunca longe da ação.

Viu os amigos morrerem à sua volta e alguns serem enterrados a milhares de quilômetros de casa. Uma vez, enquanto se protegia em uma trincheira perto do rio Reno, imaginou Allie ao seu lado, tomando conta dele.

Agora, em casa, lembrou-se do fim da guerra na Europa e, alguns meses depois, no Japão. Pouco antes de ser dispensado, recebera uma carta de um advogado de Nova Jersey que representava Morris Goldman. Ao se encontrar com o advogado, descobriu que Goldman falecera um ano antes e que seu patrimônio tinha sido liquidado. O negócio fora vendido e Noah recebeu um cheque de quase 70 mil dólares. Por algum motivo, ele estranhamente não ficou nem um pouco empolgado com isso.

Na semana seguinte, voltou a New Bern e comprou a casa. Ainda se lembrava de quando levara o pai até lá para lhe mostrar o que ia fazer, apontando as mudanças que pretendia executar. Seu pai parecia fraco enquanto examinavam a casa, tossindo e respirando com dificuldade. Noah ficou preocupado, mas o pai lhe garantiu que não havia motivo para isso, que estava apenas gripado.

Menos de um mês depois, seu pai morreu de pneumonia e foi enterrado ao lado da esposa no cemitério local. Noah tentava visitar os túmulos com frequência para levar flores; às vezes, deixava também um bilhete. E todas as noites, sem exceção, dedicava alguns instantes à memória do pai e fazia uma oração para o homem que lhe ensinara tudo o que importava.

Após enrolar a linha, guardou o material de pesca e voltou para

casa. Sua vizinha, Martha Shaw, estava lá para lhe agradecer por tudo o que ele tinha feito. Levava-lhe três pães caseiros e alguns biscoitos. Seu marido havia morrido na guerra, deixando-a com três filhos para criar e uma casa caindo aos pedaços. O inverno estava chegando e Noah passara alguns dias fazendo reparos na casa dela na semana anterior: ajeitando o telhado, substituindo as janelas quebradas, vedando outras e consertando o forno a lenha. Com sorte, aquilo bastaria para a família suportar o inverno.

Depois que ela saiu, Noah entrou em sua velha caminhonete e foi visitar Gus. Ele sempre parava lá quando ia ao armazém, porque a família de Gus não tinha carro. Uma das filhas de Gus subiu na caminhonete e foi com Noah fazer compras. Quando chegou em casa, Noah não tirou logo os mantimentos das sacolas. Em vez disso, tomou banho, pegou uma Budweiser e um livro de Dylan Thomas e foi se sentar na varanda.



Allie ainda tinha dificuldade em acreditar, mesmo estando com a prova nas mãos.

Tinha visto no jornal na casa de seus pais três domingos antes. Fora à cozinha pegar uma xícara de café e, quando voltara à mesa, seu pai sorria e apontara para uma pequena foto.

“Você se lembra disso?”, perguntara. Ele lhe entregara o jornal e, depois de um primeiro olhar desinteressado, algo na foto chamou sua atenção e ela observara melhor.

“Não pode ser”, tinha sussurrado.

Quando o pai lançou um olhar curioso para Allie, ela o ignorara, sentara-se e lera o artigo sem falar nada.

Mal se dera conta da mãe chegando à mesa e sentando-se em frente a ela, e, quando por fim largara o jornal, a mãe a encarava com a mesma expressão de seu pai alguns instantes antes.

“Você está bem?”, perguntara a mãe sobre a xícara de café. “Parece um pouco pálida.”

Allie não respondera de imediato, não conseguira, e então notara que suas mãos tremiam. Tinha sido ali que tudo começara.

– E agora vai terminar, de uma maneira ou de outra – sussurrou.

Dobrou de novo o jornal e guardou-o de volta, lembrando que naquele dia tinha saído da casa dos pais levando consigo o jornal para recortar o artigo. Allie o lera de novo antes de ir para a cama naquela noite, tentando entender a coincidência, e lera outra vez na manhã seguinte, como que para se certificar de que a coisa toda não era um sonho. Após três semanas de longas caminhadas sozinha, após três semanas constantemente distraída, por fim tomara a decisão de ir até lá.

Quando lhe perguntavam, Allie respondia que seu comportamento estranho se devia ao estresse. Era a desculpa perfeita; todos entenderam, incluindo Lon, e era por isso que ele não falara nada quando ela lhe dissera que queria passar alguns dias fora. Os preparativos para o casamento eram estressantes para todos os envolvidos. Eram quase quinhentos convidados, entre eles o governador, um senador e o embaixador do Peru. Era cansativo demais, na opinião dela, mas o noivado era notícia e dominara as colunas sociais desde que tinham anunciado seus planos, seis meses antes. Às vezes, sentia vontade de fugir com Lon para se casar sem aquilo tudo. Mas sabia que não ele não iria concordar: aspirante a político, Lon adorava ser o centro das atenções.

Allie respirou fundo e se levantou de novo.

– É agora ou nunca.

Então pegou suas coisas e rumou para a porta, fazendo uma pequena pausa antes de abri-la e descer. O gerente sorriu quando Allie passou e ela pôde sentir que ele a observava enquanto saía e caminhava até o carro. Sentou-se ao volante, olhou para si mesma uma última vez, ligou o carro e virou à direita na Front Street.

Não ficou surpresa por ainda saber se localizar tão bem na cida-

de. Mesmo não indo ali fazia anos, o lugar não era grande, e ela se orientava facilmente pelas ruas. Após cruzar o rio Trent em uma antiga ponte levadiça, pegou uma estrada de cascalho, já no último trecho do caminho.

Era bonito ali, na região costeira, como sempre fora. Ao contrário da área de Piedmont onde crescera, a terra era plana, mas tinha o mesmo solo fértil e lodoso, ideal para o cultivo do algodão e do tabaco. Essas duas culturas e a madeira mantinham vivas as comunidades naquela parte do estado e, enquanto dirigia ao longo da estrada fora da cidade, via a beleza que a princípio atraía as pessoas para a região.

Para ela, o lugar não tinha mudado nada. Raios de sol difusos passavam através dos carvalhos e nogueiras de 30 metros de altura, iluminando as cores do outono. À sua esquerda, um rio cor de ferro desviava seu curso em direção à estrada e depois se afastava de novo antes de desistir de sua vida para desaguar em outro, maior, um quilômetro e meio adiante. A estrada de cascalho serpenteava por entre fazendas do período anterior à Guerra Civil, e Allie sabia que, para alguns dos agricultores, a vida não tinha mudado desde antes de seus avós nascerem.

A constância do lugar trouxe de volta uma enxurrada de lembranças e ela sentiu um aperto por dentro ao reconhecer um por um os locais havia muito esquecidos.

O sol pendia acima das árvores à sua esquerda e, quando Allie fez uma curva, passou por uma velha igreja, abandonada fazia muitos anos, mas ainda em pé. Ela a explorara naquele verão, à procura de lembranças da guerra entre os estados, e, à medida que seu carro passava, as lembranças daquele dia se tornavam mais fortes, como se tudo tivesse acontecido na véspera.

Logo em seguida, viu um majestoso carvalho às margens do rio e as lembranças ficaram ainda mais intensas. Parecia não ter mudado nada desde aquela época, os galhos baixos e grossos, estendendo-se horizontalmente, e a barba-de-velho caindo do alto como se fosse

um véu. Lembrou-se de um dia quente de julho em que se sentara sob a árvore com alguém que olhava para ela com um desejo que fazia desaparecer todo o resto. E tinha sido naquele momento que se apaixonara pela primeira vez.

Noah era dois anos mais velho e, enquanto Allie seguia naquela viagem ao passado, a imagem dele pouco a pouco entrou em foco de novo. Noah sempre parecera mais velho do que de fato era, lembrou-se. Sua aparência era a de alguém ligeiramente castigado pelo tempo, quase como um fazendeiro que volta para casa após horas trabalhando no campo. Tinha as mãos calejadas e os ombros largos típicos daqueles que trabalham duro para ganhar a vida, e as primeiras linhas começavam a se formar em torno dos olhos escuros que pareciam ler todos os seus pensamentos.

Era alto e forte, com cabelos castanho-claros e bonito do próprio jeito, mas Allie se lembrava sobretudo da voz dele. Noah lera para ela naquele dia enquanto estavam deitados na grama, sob a árvore, com uma voz suave e fluida, quase musical. Era o tipo de voz que pertencia ao rádio e parecia pairar no ar quando ele lia para ela. Allie se recordou que fechara os olhos, ouvindo com atenção e deixando as palavras que ele lia tocarem sua alma:

*Me arrasta para o vapor e para o crepúsculo.*

*Eu parto como o ar, agito minhas mechas brancas sob  
o sol fugidio...*

Ele folheava livros velhos que tinham páginas com as pontas dobradas, livros que lera centenas de vezes. Lia por um tempo, depois parava e os dois conversavam. Ela lhe contava o que queria da vida – suas esperanças e seus sonhos para o futuro – e ele ouvia atentamente e então prometia fazer tudo aquilo se tornar realidade. E a maneira como falava fazia com que Allie acreditasse nele, e ela percebera então quanto Noah significava para ela. Algumas vezes, quando Allie pedia, ele falava sobre si ou explicava por que havia es-

colhido um poema em particular e o que pensava dele, outras vezes, Noah apenas a observava com seu típico modo intenso.

Naquela tarde, os dois viram o sol se pôr e comeram juntos sob as estrelas. Estava ficando tarde, e Allie sabia que os pais ficariam furiosos se soubessem onde estava. Mas, naquele momento, isso não importava. Ela só conseguia pensar em como o dia tinha sido especial, como Noah era especial, e, quando seguiram para a casa dela alguns minutos mais tarde, ele pegara sua mão e ela sentira como aquele toque a aquecia.

Outra curva na estrada e ela enfim a viu a distância. A casa tinha mudado drasticamente em relação ao que se lembrava. Allie diminuiu a velocidade ao se aproximar, entrando na longa via arborizada e de terra que levava ao farol que a trouxera de Raleigh.

Seguiu devagar, olhando para a casa, e respirou fundo quando o viu na varanda, observando seu carro. Ele estava vestido de forma casual. A distância, parecia não ter mudado nada. Por um instante, quando a luz do sol estava atrás dele, pareceu que Noah desaparecia no cenário.

O carro dela continuou seguindo devagar até que, por fim, parou debaixo de um carvalho que fazia sombra na frente da casa. Allie virou a chave, sem nunca tirar os olhos dele, e o motor estalou até parar.

Noah desceu da varanda e começou a se aproximar dela, andando com facilidade, então parou de repente quando Allie saiu do carro. Por um longo tempo, tudo o que fizeram foi olhar um para o outro sem se moverem.

Allison Nelson, 29 anos, noiva, socialite, à procura de respostas e Noah Calhoun, o sonhador, 31 anos, visitado pelo fantasma que muitos anos antes passara a dominar sua vida.

## INFORMAÇÕES SOBRE A ARQUEIRO

Para saber mais sobre os títulos e autores  
da EDITORA ARQUEIRO,  
visite o site [www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)  
e curta as nossas redes sociais.

Além de informações sobre os próximos lançamentos,  
você terá acesso a conteúdos exclusivos e poderá participar  
de promoções e sorteios.



[www.editoraarqueiro.com.br](http://www.editoraarqueiro.com.br)



[facebook.com/editora.arqueiro](https://facebook.com/editora.arqueiro)



[twitter.com/editoraarqueiro](https://twitter.com/editoraarqueiro)



[instagram.com/editoraarqueiro](https://instagram.com/editoraarqueiro)



[skoob.com.br/editoraarqueiro](https://skoob.com.br/editoraarqueiro)

Se quiser receber informações por e-mail,  
basta se cadastrar diretamente no nosso site  
ou enviar uma mensagem para  
[atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)

Editora Arqueiro  
Rua Funchal, 538 – conjuntos 52 e 54 – Vila Olímpia  
04551-060 – São Paulo – SP  
Tel.: (11) 3868-4492 – Fax: (11) 3862-5818  
E-mail: [atendimento@editoraarqueiro.com.br](mailto:atendimento@editoraarqueiro.com.br)